



"O PROCESSO DO LUTO NA AUSÊNCIA DO CORPO"

Ana Rita Roque y Maria Lapa Esteves
Coimbra

RESUMO

A experiência do luto, vivida através da perda de um filho, por morte ou por desaparecimento parece constituir um acontecimento marcante e de poderosas repercussões para a vida dos pais. Este artigo tem como ponto de partida um projecto de investigação a levar a cabo pelas autoras que pretende avaliar as repercussões psicológicas inerentes à perda de um filho e ambiciona concluir se em caso de desaparecimento de um filho estaremos ou não perante um processo de luto. Assim, o presente artigo visa reunir um conjunto de concepções teóricas sobre a temática da perda e do luto parental. A partir do levantamento bibliográfico efectuado podemos verificar que o luto parental é singular pelas suas vastas consequências a nível individual, familiar e social e pelo seu carácter anti-natural. Neste âmbito, a perda ambígua, como em situações de desaparecimento, agrava significativamente o seu impacto na vida destes pais colocando-nos a questão se poderá este ser considerado um verdadeiro processo de luto. Deste modo, pretendemos contribuir para a melhor compreensão deste fenómeno, nomeadamente, através do entendimento da influência da ausência/presença de corpo para o desenrolar do processo de luto parental.

Palavras-Chave: Luto Parental, Morte, Desaparecimento, Ansiedade, Depressão, Stress.

ABSTRACT

The mourning experience lived through the loss of a child, caused either by their death or disappearance, seems to be a striking event with powerful repercussions for the parents' lives. This article was based on an investigation project led by the authors, in which they assess the psychological consequences underlying the loss of a child and conclude whether a case of a missing child falls under the scope of the parental grief process or not. Thereby, this paper aims to gather a set of theoretical concepts regarding loss and parental grief process. Researches show that the parental grief process is unique, due to its broad individual, familiar and social consequences and to its anti-social core. Thus, experiencing an incomplete loss, as in a case of a missing child, has a profound and negative effect on the parents' quality of life, posing the question if this can truly be perceived as a real grieving process. With this study we will try to shed some light over this issue, through the understanding of the influence of the presence/absence of a corps to the parental grief process.

Keywords: Parental Grief, Death, Disappearance, Anxiety, Depression, Stress.



"O PROCESSO DO LUTO NA AUSÊNCIA DO CORPO"

INTRODUÇÃO

O ser humano tem uma tendência natural, que surge da sua necessidade de segurança e protecção de estabelecer fortes laços afectivos com os outros e quando estes laços são ameaçados ou rompidos emergem fortes reacções emocionais. Na generalidade dos casos, as diversas reacções emocionais figuram o que denominamos de processo de luto que constitui o cerne deste estudo. Com efeito, o objecto desta revisão bibliográfica tem a ver com o projecto de investigação levado a cabo pela autoras que pretende avaliar a ansiedade, depressão e stress em pais enlutados por morte de um filho e em pais cujo filho está desaparecido. As autoras ambicionam assim verificar comparativamente quais as diferenças entre estes dois grupos de pais, verificando, nomeadamente, se a presença dos níveis de ansiedade, depressão e stress é igual ou distinta, se a presença de alguma delas prevalece num dos grupos e com isto concluir se em caso de desaparecimento de um filho poderemos ou não falar em processo de luto.

Com efeito, a definição encontrada no *Dicionário de Psicologia* do conceito de luto baseia-se nos pensamentos de Sigmund Freud, e como tal, diz que o «trabalho de luto» consiste num “processo de elaboração psíquica que se efectua normalmente no aparelho psíquico após a perda do objecto. A tristeza, a inibição, retrair-se sobre si da pessoa gravemente enlutada, a perda de interesse por tudo o que não diz respeito ao objecto perdido, a perda do gostar de viver e de escolher novos objectos de amor aparecem como a consequência económica da mobilização de toda a energia psíquica disponível para realizar a prova de realidade relativamente à perda do objecto” (Doron & Parot, 2001, pp. 749-750).

Porém, o conceito de luto é muitas vezes associado apenas à noção de morte, no entanto, segundo a bibliografia da área, este não se processa unicamente por morte de alguém, qualquer que seja a causa, o que provoca o luto é a elevada importância afectiva que se atribui à perda. O trabalho de luto ocorre, então, sempre que existe perda ou separação do objecto amado, no qual foi investido parte da nossa libido, perda essa que provoca dor “devida a uma prolongada persistência do insaciável desejo pelo objecto perdido e à constante repetição da amarga desilusão por não o encontrar” (Bowlby citado em Grinberg, 2000, p. 197)? E a perda de um filho? Sobretudo de uma criança em que “qualquer que seja a sua idade, é uma perda arrasadora com forte impacto familiar que pode permanecer durante um longo período de tempo” (Worden, 1998).

Historicamente o desaparecimento de pessoas é um fenómeno relativamente recente e ainda não muito estudado. Deste modo, a investigação que nos propomos a realizar surge da constatação da escassa literatura no nosso país acerca desta temática e da incidência deste fenómeno no nosso país. De facto, na Polícia Judiciária constam neste momento cento e cinco pessoas desaparecidas, pelo que actualmente existem cerca de cento e cinco famílias em Portugal a sofrer com a incógnita acerca da localização estado de um ente querido (Polícia Judiciária [PJ], 2009). Alguns destes casos, sobretudo o de crianças, tornaram-se mais mediáticos e foram exaustivamente debatidos nos *mass media* como, por exemplo, o caso do Rui Pedro (desaparecido em Março de 1998), do Rui Pereira (desaparecido em Março de 1999), da Sofia Oliveira (desaparecida a Fevereiro de 2004) e da Madeleine McCann (desaparecida em Março deste ano), entre outros. Os familiares destas vítimas falaram à imprensa, demonstrando o seu estado emocional fragilizado e reclamando ajuda.

No nosso país, apesar de já se investir na investigação do luto há algum tempo, ainda existe um longo caminho a percorrer, uma vez que existem ainda poucos profissionais especializados e com um conhecimento aprofundado nesta área que possam oferecer um acompanhamento especializado a estes pais. Assim, parece-nos pertinente chegar a um conhecimento mais profundo e verdadeiro desta temática de modo a que a intervenção nesta área possa ser mais rápida e eficaz. A nossa intenção norteia-se para uma delimitação mais precisa desta temática e para a compreensão das diferenças na adaptação à situação de perda com corpo ou sem corpo.

Em suma, tem-se enfatizado a necessidade de nos debruçarmos sobre a temática do luto na medida em que é um fenómeno intrínseco à própria existência e que tanto faz sofrer o ser humano. A partir



PSICOLOGÍA DEL DESARROLLO: INFANCIA Y ADOLESCENCIA

deste artigo pretendemos então dar o nosso pequeno contributo, como semente fértil para o bom desenvolvimento nesta área de investigação.

DESENVOLVIMENTO

O luto é um processo desencadeado pela perda de alguém significativo que tem como principal objectivo a sua aceitação e elaboração da dor através da libertação dos vínculos que a ligavam ao ente perdido, para mais tarde poder investir em novos vínculos (Worden, 1998).

Este é um processo que se caracteriza por um desânimo profundamente penoso, o desinteresse pelo mundo exterior, a perda da capacidade de amar e a dificuldade em desenvolver qualquer actividade que não esteja relacionada com a perda que “implica um processo dinâmico complexo que envolve a personalidade total do indivíduo e abarca, de um modo consciente ou inconsciente, todas as funções do Eu, as suas atitudes, defesas e, em particular, as relações com os outros” (Grinberg, 2000, pp. 146). É então um processo pessoal que depende de um conjunto de factores, tais como, o papel e a idade da pessoa perdida, as causas e circunstâncias da perda, o grau de apego em relação ao ente querido, o apoio que a pessoa dispõe durante este período e o nível de aceitação social à sua volta para a expressão das suas emoções (Rebelo, 2004).

O luto é então um processo normal de confrontação e adaptação a uma perda caracterizado por sentimentos de tristeza, que constitui a sua expressão mais frequente, de raiva pela sensação de desamparo e por não se ter evitado a perda, de culpa e auto-recriminação, de ansiedade pela sensação de insegurança e de pânico intenso, de solidão, de choque, mais frequente em situações de morte inesperada e/ou desaparecimento de um familiar e de entorpecimento que designa uma ausência de sentir, que é sobretudo comum na primeira fase do processo de luto.

Os rituais fúnebres parecem ter aqui um importante significado psicológico nos enlutados e, mesmo variando na cultura e na religião, de uma maneira geral são uma forma de partilhar a passagem da vida para a morte, socializar a dor e iniciar o processo de luto. De facto, favorecem a resolução saudável do luto dando uma segurança psicológica aos enlutados que proporciona uma direcção ao processo de luto através de locais e momentos específicos para a expressão da dor e do pesar. Este ritual de finalização começa por ajudar na medida em que ao ver o corpo falecido do ente querido a perda torna-se mais real e permite não só a despedida mas também a permanência do espírito do ente falecido (Worden, 1998; Sousa e Silva, 2005). Assim é compreensível que a morte sem corpo ou sem ritual seja motivo de complicações emocionais para os familiares e até de adiamentos na elaboração do processo de luto.

Mas nas situações de desaparecimento estaremos nós perante um adiamento do processo de luto ou nem sequer se desenvolve um processo de luto na medida em que para além da ausência de corpo, não há uma certeza absoluta de morte o que arrasta um sentimento contínuo de incerteza e simultaneamente de esperança que não deixa os pais libertarem-se dos vínculos que o prendem ao filho desaparecido não havendo assim uma verdadeira perda do objecto amado e investido. A incerteza quanto à morte de um filho é então uma agonia para a família na medida em que esta é consumida pelos esforços para manter a esperança ao mesmo tempo que recebe o pior (Souza, 2007).

Apesar de todos os membros da família viverem a perda com um enorme sentimento de vazio, as reacções à perda diferem de membro para membro e parecem ser as mães as mais afectadas pelos sentimentos de culpa pois acreditam ter falhado nos cuidados maternos não evitando a perda do filho. Estes sentimentos de culpa surgem, pois ao desaparecer o objecto, a agressividade para ele dirigida através da culpa aumenta e obriga o enlutado a um recalçamento que bloqueia o processo de luto (Coimbra de Matos, 2007).

A morte ou a separação de um filho é de facto um tipo peculiar de luto pois é um golpe bastante doloroso na vida dos pais e, segundo Bromberg e Kovács (1996), com imensas consequências sobre o sistema familiar (citado em Passaro & Gerardi, 2006).

Segundo as autoras Casellato e Motta (2002) o impacto de se perder um filho é tão grande que abrange quatro dimensões, designadamente, a individual, a conjugal, a familiar e a social (citado em



"O PROCESSO DO LUTO NA AUSÊNCIA DO CORPO"

Passaro & Gerardi, 2006). A primeira dimensão só é experienciada pelos pais que sofreram a perda de um filho, é como se perdessem um pedaço de si mesmos, a esperança e a perspectiva de um futuro, a função cuidadora e a sua própria identidade na medida em que um filho representa a continuidade dos pais, a sua imortalidade.

A dimensão conjugal diz respeito aos efeitos no relacionamento afectivo do casal uma vez que cada pessoa possui uma forma de experienciar o seu pesar, frequentemente, ocorrem problemas entre o casal durante este período e, em muitos casos, o divórcio acontece. Deste modo, a dimensão familiar também é afectada, pois a perda de um filho é uma mudança que implica uma reorganização familiar, nomeadamente, no que respeita a regras, papéis e principalmente nas estratégias para lidar diariamente com a perda.

Por fim, na dimensão social, a perda de um filho é um acontecimento significativo, contudo, a sociedade nem sempre reage adequadamente por não saber lidar com estes pais, mas o apoio social que os rodeia é vital na resolução deste trabalho de luto (Passaro & Gerardi, 2002 citado em Passaro & Gerardi, 2006).

Todavia, a pessoa enlutada nem sempre é capaz de ultrapassar os obstáculos que se lhe impõem durante o trabalho de luto, não conseguindo libertar-se dos vínculos que a prendem à pessoa perdida e neste caso estamos muitas vezes perante um luto patológico. Na verdade, a distinção entre luto normal e luto patológico tem lançado algumas polémicas na medida em que não é uma distinção fácil de determinar e autores que se ocupam deste tema não precisam quais os factores específicos que condicionam um ou outro quadro (Grinberg, 2000). No entanto, após a leitura de alguma da literatura sobre o tema, tentaremos fazer de modo sucinto uma distinção entre estas duas condições psicológicas de modo a servirem como guia de análise. Assim, o que distingue o luto normal do luto patológico é, essencialmente, a intensidade e a duração das reacções ao longo do tempo. Podemos apontar, por exemplo, "que no luto normal a libido é retirada do objecto amado perdido e deslocada para outro objecto, enquanto no luto patológico ela permanece orientada para o Eu, onde se produz a identificação ao objecto" (Grinberg, 2000, pp. 146).

Para Walsh e McGoldrick (1998) um dos factores com maior influência na adaptação familiar à perda é o carácter ambíguo da mesma, ou seja, a ambiguidade em torno de uma perda interfere com a sensação de controlo sobre ela, originando, frequentemente, episódios depressivos nos familiares (citado em Souza, 2007).

O conceito de depressão designa um "conjunto de afectos dolorosos e ideias concomitantes com que o indivíduo responde a experiência de perda ou ao fracasso de certas aspirações" (Grinberg, 2000, p. 281). A depressão surge na sequência da perda e é habitualmente associada à noção de luto, fazendo parte do quadro psicopatológico que se desenvolve nos enlutados como resultado da perda, distinguindo-se do luto normal pelo facto deste não se caracterizar pela diminuição da auto-estima que quase sempre acompanha a depressão. Deste modo, expressa-se num conflito interno onde o Eu se sente imobilizado por se sentir incapaz de enfrentar o perigo, exteriorizando assim apatia, tristeza e sentimentos de desesperança.

A depressão surge ainda associada à culpa, uma vez que esta é, simultaneamente, a sua causa e o seu sintoma, proveniente de ataques reais ou fantasiados (Grinberg, 2000). Assim, numa situação de perda, o indivíduo "sente-se em défice, frustrado e ao mesmo tempo sente culpa" (Grinberg, 2000, p. 101), sentindo-se muitas vezes responsáveis pela perda.

Esta ambiguidade e incerteza face à perda provocam ainda enormes níveis de ansiedade que configura "uma emoção gerada pela antecipação de um perigo vago, de difícil previsão e controlo. Transforma-se em medo face a um perigo bem identificado. A ansiedade faz-se acompanhar por modificações fisiológicas e hormonais características dos estados de activação elevada e, muitas vezes, está associada ao comportamento de conservação - retirada ou a condutas de evitamento" (Doron & Parot, 2001, pp. 67-68). Assim, a perda da percepção da pessoa a que se está vinculado é a primeira causa



PSICOLOGÍA DEL DESARROLLO: INFANCIA Y ADOLESCENCIA

de ansiedade e articula-se com o sentimento de impotência face aos estímulos externos ou internos e à própria adaptação à relação de objecto numa ambivalência entre o desejo e o medo (Coimbra de Matos, 2007; Rebelo, 2004).

Em suma, para que o luto resulte favoravelmente “parece necessário que a pessoa suporte essas oscilações de emoção. Ela só conseguirá aceitar e reconhecer, gradualmente, que a perda é na verdade permanente e que sua vida deve ser reconstruída novamente se lhe for possível tolerar o abatimento, a busca mais ou menos consciente, o exame aparentemente interminável de como e por que a perda ocorreu e a raiva em relação a qualquer pessoa que possa ter sido responsável” (Bowlby, 2004, pp.101).

Intervenção Psicológica

No nosso trabalho, enquanto profissionais de saúde mental, com pessoas em processo de luto devemos ser atentos, críticos e intervenientes no processo de integração da perda na estrutura de personalidade e na vida do enlutado, tendo por preocupação a sua saúde mental e bem-estar geral. De facto, não se deve confundir mecanismos psicológicos adaptativos e funcionais a um processo de luto normal com a negação do sofrimento.

Assim, na ajuda de um luto normal encontramos o aconselhamento psicológico do luto, que tem como principal objectivo “auxiliar a pessoa enlutada a completar qualquer trabalho inacabado com a falecida ou falecido e ser capaz de dizer um adeus final” (Worden, 1998, pp. 54). Na terapia do luto, o objectivo é ajudar a pessoa enlutada a identificar e resolver os conflitos de separação que a impedem de recuperar a energia emocional investida no objecto perdido para reinvestir em novos relacionamentos, aliviando e alterando deste modo os seus sintomas, sentimentos e comportamentos.

Pretende-se então ajudar a pessoa a reconhecer a realidade da perda, a expressar livremente e a lidar com os seus sentimentos (tristeza, ansiedade, raiva, culpa, desamparo, desânimo, entre outros), a superar os obstáculos do processo de luto e a encorajar um novo reinvestimento.

Esta terapia tem lugar em consultório e, normalmente, é feita de forma individual, no entanto, isto não quer dizer que ela não possa ser feita em grupo. Os procedimentos a ter em consideração, neste tipo de terapia, são os seguintes: (a) listar doenças físicas, se for esse o caso; (b) estabelecer a aliança terapêutica; (c) reviver lembranças da pessoa que faleceu; (d) avaliar qual das fases do luto não foi completada; (e) lidar com o afecto ou a falta deste; (f) explorar e diminuir a tensão entre os objectos de ligação; (g) reconhecer o carácter definitivo da perda; (h) lidar com a fantasia de terminar o luto; (i) ajudar o paciente a dizer o adeus final (Worden, 1998).

Todavia, a técnica de Psicodrama também poderá ser uma técnica de intervenção bastante eficaz. Esta consiste na representação do enlutado do seu próprio papel e o da pessoa falecida, o que permite à pessoa em luto expressar todos os seus sentimentos e pensamentos acerca da perda e do próprio relacionamento com o ente querido perdido.

“O aconselhamento, a solidariedade, o carinho e o amor serão os ingredientes suficientes a ministrar ao enlutado quando o luto não é uma doença. Mas, para além destes, já o recurso a pessoal técnico especializado, nas áreas de psicologia e psiquiatria, torna-se indispensável quando o luto se transforma em doença” (Rebelo, 2004, pp. 94). Mas o essencial é proporcionar a estes pais um espaço onde possam falar em associação livre, sem restrições, sobre a sua dor e partilhá-la com alguém que lhes saiba ouvir e dar um feedback adequado às suas angústias, dor e anseios.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O Homem é um ser social que vive em relacionamento com o outro e com uma forte tendência natural em estabelecer fortes laços afectivos. Assim, facilmente compreendemos que quando estes laços são ameaçados ou quebrados emergem fortes reacções emocionais que figuram o que denomi-



"O PROCESSO DO LUTO NA AUSÊNCIA DO CORPO"

namos de processo de luto. Este é um processo que tem como principal objectivo levar o enlutado à aceitação real da perda e à adaptação a esta nova realidade através da libertação dos vínculos que o ligam ao ente perdido. Os rituais fúnebres parecem ter um papel vital na resolução saudável do processo de luto uma vez que permite aos enlutados visualizar o corpo do ente falecido, tornando a perda como real, socializando a dor e iniciando assim o processo de luto. O que distingue o luto normal do luto patológico é, essencialmente, a intensidade e a duração das reacções emocionais ao longo do tempo. No luto patológico a pessoa enlutada desenvolve uma fixação obsessiva no objecto de vinculação perdido, não conseguindo, deste modo, ultrapassar uma ou várias fases deste processo. Este tipo de luto pode se apresentar sob a forma de atraso na vivência das fases ou a sua recusa absoluta ou num luto muito intenso e prolongado.

No que concerne especificamente ao luto parental, quando comparado com outras formas de luto, a resposta à perda de um filho surge muita mais complicada, intensa e de longa duração uma vez que os laços afectivos entre pais e filhos são, na maioria dos casos, por si só muito intensos. Deste modo, perante a perda é como se estes pais perdessem um pedaço deles próprios, da esperança no futuro, da função cuidadora e da sua própria identidade na medida em que um filho é um projecto de vida que representa a continuidade dos pais, a sua imortalidade.

Neste contexto a perda de um filho não é aceite com naturalidade pois vai contra ao ciclo da vida onde deviam ser os pais a partir em primeiro deixando sós os filhos e não o contrário.

O carácter ambíguo da perda, no caso dos pais cujos filhos estão desaparecidos, dificulta fortemente a adaptação familiar à perda pela constante sensação de incerteza, ambiguidade, ausência de controlo e sentimentos de raiva face ao futuro. Estes pais parecem não ter efectivamente sofrido um verdadeiro rompimento dos laços afectivos com os seus filhos na medida em que, apesar da ausência física, continuam a investir emocionalmente neste objecto de amor.

No luto parental é ainda bastante frequente os sentimentos de culpa pelo que se podia ter feito e não se fez, quer antes quer para evitar a perda, no entanto, parecem ser as mães as mais afectadas por estes sentimentos de auto-recriminação.

O conceito de luto é muitas vezes associado apenas à noção de morte, no entanto, este não se desenvolve unicamente por morte de alguém. Aliás, qualquer que seja a sua causa, o que realmente provoca o processo de luto é a elevada importância afectiva que se atribui à perda e à pessoa perdida.

Aquando da perda da pessoa que era alvo do nosso amor, sobretudo de um filho, somos invadidos por variados conflitos emocionais, na medida em que temos de nos libertar de todos os vínculos que desenvolvemos em relação à pessoa perdida para mais tarde reinvestir em novos relacionamentos. De facto, a bibliografia do tema é categórica na necessidade de redireccionamento do investimento outora na pessoa morta, para novas fontes de gratificação que não substituem no mesmo nível de importância, mas que dão sentido e continuidade evolutiva. No caso de desaparecimento este reinvestimento não acontece e parece não fazer muito sentido uma vez que não existe uma perda definitiva o que leva há constante a esperança de um regresso que faz com que estes pais continuem a investir neste laço afectivo não se desvinculando.

Com efeito, ao nível da intervenção psicológica, particularmente em caso de luto patológico, os enlutados devem procurar ajuda especializada que os ajude e encoraje a expressar e partilhar pensamentos e sentimentos livremente, reforçando a importância de o fazer para permitir o reconhecimento da perda, e ajudar a encontrar a melhor forma para lidar com os seus sentimentos (tristeza, ansiedade, raiva, culpa, desamparo, desânimo, entre outros) superando os obstáculos do luto. É ainda essencial descodificar a normalidade do processo de luto chamando a atenção para as oscilações que correm ao longo do tempo. Na presença de sentimentos de culpa estes devem ser discutidos na relação terapêutica de modo a ajudar a pessoa enlutada a distinguir a culpa real da imaginária. Todavia, os profissionais de saúde mental não se podem nunca esquecer que a manifestação da dor da perda não pode ser quantificada e cada indivíduo deve ser compreendido na sua necessidade pessoal, com suas características e reacções particulares.



PSICOLOGÍA DEL DESARROLLO: INFANCIA Y ADOLESCENCIA

Deste modo, para que toda esta ajuda possa ser levada a cabo será essencial um maior aprofundamento do processo de luto, em geral, e deste tipo de perda na ausência de corpo, em particular, estabelecendo as respectivas diferenças para que possamos ir de encontro às necessidades proporcionando um acompanhamento especializado e adequado às diferentes situações. E, enquanto profissionais de saúde mental, deveremos estar preparados para lidar com a resistência destes pais em luto em sentir a dor, a angústia e o medo, a aceitar a realidade da morte e/ou a possibilidade de morte ou de nunca mais voltar a encontrar os seus filhos (em caso de desaparecimento). E, desta forma, consideramos que é importante que futuros investigadores se debrucem também sobre este tema, limando limitações de investigações anteriores e analisando diferentes variáveis e sujeitos pois afinal que mais faz parte tão integrante da nossa vida se não a perda de entes queridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bowlby, J. (2004). *Apego e perda, Vol. III – Perda*. São Paulo: Martins Fontes.
- Coimbra de Matos, A. (2007). *O Desespero* (2ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Doron, R. & Parot, F. (2001). *Dicionário de psicologia*. Lisboa: Climepsi.
- Grinberg, L. (2000). *Culpa e Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- Passaro, B. M. & Gerardi, C. B. (2006). Como eu vivo é a minha homenagem para meu filho. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade São Marcos.
- Polícia Judiciária (2009). *Pessoas Desaparecidas*. Recuperado em 2009, Fevereiro 9, de <http://www.pj.pt/>
- Rebelo, J. E. (2004). *Desatar o Nó do Luto*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Ribeiro, J. (2007). *Avaliação em Psicologia da Saúde*. Coimbra: Quarteto.
- Sousa e Silva, K. M. (2005). *Discurso de Pais enlutados: Investigação das formas de diminuição da dor do luto*. Artigo inédito, Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia.
- Souza, A. O. (2007). *O desaparecimento de um membro da família: estudo dos aspectos da dinâmica e reestruturação familiar*. Trabalho Final de Curso apresentado Pró-Reitoria de Graduação em Psicologia. Brasília: Universidade Católica de Brasília.
- Worden, J. W. (1998). *A Terapia do Luto*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Fecha de recepción: 28 febrero 2009

Fecha de admisión: 19 marzo 2009

